

Texto apresentado no Seminário Lideranças Regionais: Segurança Internacional, realizado entre a Escola Superior de Guerra e a Universidade de Brasília ESG, Rio de Janeiro, 30 de junho de 2005

Liderança Regional: A América do Sul⁶⁹

Jorge Calvario dos Santos, D Sc

No contexto do tema geral, pretendo direcionar minha apresentação para a América do Sul. Para tanto, optei por mostrar a formação cultural da América do Sul, confrontar supostas potencialidades da cultura hispano-americana com a brasileira, a partir da tese de Richard Morse, com seus dois momentos.

Após confrontar pretendo contestar Morse e mostrar porque a liderança regional destina-se ao Brasil e por via de consequência a segurança regional tema necessária participação do Brasil. A apreciação, assim como a confrontação e contestação, são desenvolvidas no contexto da modernidade: caracterizada, fundamentalmente pela ciência e seu sujeito núcleo da cultura anglo-saxônica.

O tema central dessa nossa reunião me possibilita colocar em evidência um aspecto que muito pouco é tratado nas discussões político-estratégicas: a cultura. Cultura entendida como o modo de ser-consigo-mesmo, de ser-com-o-outro, de *ser-com-o-mundo e de ser-com-o-absoluto*.

Ao longo do processo histórico constata-se a ascensão e queda de diversas culturas sucedendo umas às outras. Quando uma dessas culturas chega ao ápice, passa a ser objeto de cobiça dos que pretendem ocupar o seu lugar. Esses são denominados bárbaros pelos que ocupam posição de destaque entre as culturas de centro, culturas nodais. O processo histórico é repetitivo nesse aspecto, uma cultura sucede a outra.

A esse respeito Walter Benjamin via claramente que havia barbárie na origem das grandes civilizações. Freud vi claramente que a civilização, longe de anular a barbárie recalçando-a em seus subterrâneos, preparava novas erupções dela. É preciso ver nos dias de hoje, que a civilização tecno-científica, embora sendo civilização, produz uma barbárie que lhe é própria. E, isso está no cerne das questões de segurança ou insegurança que o mundo vive neste início de século.

Uma questão de fundamental importância é o entendimento de que no processo histórico, a cultura é determinante para a evolução ou dissolução das nações.

No decorrer da história, observa-se que muitas nações são lideradas culturalmente por outras. De modo geral, quase que sem exceção, as que lideram usam essa condição para induzir e, até mesmo, forçar determinadas atitudes políticas por parte das nações menos poderosas, a par da natural subordinação cultural.

⁶⁹ Este estudo não representa a posição do Governo do Brasil, de seu Ministério da Defesa, da Escola Superior de Guerra ou de qualquer instituição do Governo. É produto de estudo, pesquisa e de total responsabilidade do autor.

A dimensão cultural é fundamental no processo histórico, na vida nacional, no pensamento e no modo de ser de uma sociedade. Por isso os países centrais usam meios de interferência cultural sobre culturas mais frágeis, logo de países de menor poder nacional e preservar a sua, a qualquer custo.

Quando se olha a história até o momento atual, aonde se dá o encontro de culturas, vemos a preponderância de uma cultura sobre outra, o aniquilamento de uma cultura por outra, a pujança de uma cultura em relação a fragilidade de muitas outras. Logo, podemos perceber e entender, a idéia de diferença cultural, de hierarquia cultural, ou de desenvolvimento cultural, o que vale dizer, de uma certa historicidade da cultura e não de equivalência de culturas.

VISÕES DA HISTÓRIA DA CULTURA

A história da cultura representada por uma sucessão de culturas centrais não difere fundamentalmente de outras conhecidas concepções. Sendo a concepção hiperdialética da história, de Coelho de Sampaio, de generalidade extrema, é natural que, quando comparadas, outras concepções do processo histórico se pareçam de modo simplificado ou modelos reduzidos. Tal simplificação é facilmente visível, quando é utilizada uma concepção lógica explícita, tal como é o caso de Hegel e Marx (lógico-dialética).

A concepção de Toynbee toma as culturas como reais sujeitos do processo histórico. Toynbee afirma que cada cultura tem o seu próprio ciclo de vida. Isto, entretanto, não faz com que cada uma tenha que percorrer um caminho pré-fixado. A existência, no tempo e no espaço, de cada uma das culturas pode ser prolongada à medida que consiga respostas adequadas e eficientes aos desafios contingentes com que venha a se defrontar.

Para Toynbee, no processo histórico, revezam-se culturas de caráter ora materialista ora espiritualista. As culturas espiritualistas teriam implicitamente o controle geral do processo que seguiria uma tendência ascendente, que era expressa por uma religiosidade continuamente espiritual e de âmbito universal.

O pensador alemão, Paul Tillich, que estudou as religiões e seus vínculos com as culturas, ao longo da história, adota uma concepção que também é dialética do processo histórico. Para Tillich, entretanto, o processo histórico não é decorrente de respostas adequadas aos desafios surgidos, como para Toynbee, mas um constitutivo da própria mente humana, a temporalidade, a espacialidade e a luta pelo domínio em que estão permanentemente empenhadas. À esse respeito afirma Tillich: *A alma humana e a história humana, em larga medida, são determinadas pela luta entre espaço e tempo* (Tillich, 1964).

A função que a tensão espaço/tempo exerce, é fundamental na estruturação da mente humana e termina por se refletir no próprio processo de sua objetivação simbólica coletiva. Isso significa que se reflete nas formações culturais históricas. Ernst Cassirer, filósofo alemão, também alerta quanto à

importância da análise das experiências de tempo e espaço para a compreensão profunda da questão antropológica.

A esse respeito assim afirma Cassirer: *Descrever e analisar o caráter específico que o espaço e o tempo assumem na experiência humana é uma das tarefas mais atraentes e importantes de uma filosofia antropológica* (Cassirer, 1994).

As culturas estudadas por Tillich que são comprometidas com o tempo, coincidem exatamente com o que Coelho de Sampaio caracteriza como culturas lógico-identitárias, tendo-se aí a cultura judaica como ilustre paradigma.

A esse respeito assim afirma Tillich: *The Jewish nation is the nation of time in a sense which cannot be said of any other nation. It represents the permanent struggle between time and space going through all times* (Tillich, 1964).

Tanto em Toynbee como em Tillich, as culturas pendem sempre para o mesmo lado. Culturas espirituais em Toynbee e culturas do tempo em Tillich.

Tillich assim se refere ao assunto: *No homem a vitória final do tempo é possível. O homem é capaz de atuar além de sua morte. Ele é capaz de fazer história, e é capaz mesmo de transcender as trágicas mortes das famílias e nações, assim rompe o ciclo de repetições em direção a algo novo* (Tillich, 1964).

A probabilidade de subversão de uma cultura cresce naturalmente na proporção do seu cansaço, do esgotamento de seu vigor criativo, enfim, do desvanecimento do seu próprio desejo. Acaba a motivação, o estímulo ou a criatividade. Ela será então ultrapassada por uma nova cultura, o fruto esperado, tanto quanto terá sido negado, que estava já em gestação nas suas próprias dobras, margens e desvãos.

Este tipo de consideração é fundamental para a compreensão, em profundidade, das relações entre os Estados Unidos da América e o Brasil. O primeiro crê representar hoje a quinta-essência⁷⁰ (finge, pois na verdade não passa de ser a quarta-essência) da cultura, enquanto que o segundo é um marginal, porém, um dos mais prováveis candidatos à realização da cultura nova.

Sob este prisma sabem eles que somos seu mais temível inimigo. Isto não quer dizer que os Estados Unidos da América já sejam o último dos modernos e que o Brasil não vá faltar à sua destinação (outro, como a Índia ou a China, pode certamente assumi-la encorajado pelos nossos freqüentes “amarelamentos”), mas aquela possibilidade está já inscrita nos “inconscientes coletivizados” de todos nós, lá e cá. Por isso, constitui-se no constante pano de fundo de suas amistosas/rancorosas e por isso sempre tensas relações políticas. Exclui-se aqui, por excepcional (de exceção), o atual momento destas relações.

A cultura moderna, anglo-saxônica, está intimamente associada à ciência. A visão ideológica da Modernidade não se preocupa com a ciência, pois não há quem não esteja a seu favor. De fato, a Modernidade coloca a ciência acima de todas as coisas. Coloca a ciência como a verdade, como a salvação, como

⁷⁰ No sentido de mais alto grau, plenitude, mais puro

entidade mais importante, quase como seu Deus. Mas, a Modernidade não se preocupa fundamentalmente com quem deva ser o sujeito da ciência.

Para o paradigma anglo-saxônico, trata-se do sujeito liberal; para a esquerda, do sujeito coletivo ou comunitário; para a direita, do sujeito inconsciente cultural, romântico, telúrico. Esquerda e direita, como demonstrado pela história, nada podem contra a Modernidade, pois, a rigor, são seus próprios modos *desviantes*, modos simétricos de um delirante estado de perfeição. Assim, a Modernidade só será superada por uma cultura nova, na linhagem das culturas do tempo, para Paul Tillich, culturas espirituais para Toynbee) enfim, uma nova utopia em seu justo sentido (Coelho de Sampaio, 1999/E).

Dentre os aspectos relevantes dessa questão, dois merecem destaque: O primeiro é o de que a cultura vem moldando os padrões de coesão, integração, desintegração e conflito no mundo, especialmente no mundo pós-Guerra Fria; o segundo, é o fato de que a política mundial vem sendo configurada seguindo linhas culturais, ainda que se pretenda econômica.

Faz-se necessário destacar que as pretensões universalistas e característica etnocida da cultura anglo-saxônica, levam o mundo, cada vez mais, para o conflito entre culturas. O fato da cultura anglo-saxônica se afirmar e procurar se impor ao resto do mundo, é um dos maiores desafios para as culturas não saxônicas, porque torna-se um caso de sobrevivência.

Com relação a relevância da cultura faz-se importante lembrar Joseph Nye quando afirma existir um forte vínculo entre cultura e poder. Por isso Nye entende que a cultura segue o poder e o poder segue a cultura.

Sendo a história do homem a história da sua cultura, ou seja a história da cultura do seu grupo social, cabe agora caracterizar o que é ou o que podemos entender como sendo um país.

Podemos entender um país, como uma dialética entre duas dimensões. Uma dimensão espaço e uma dimensão cultura. A dimensão espaço faz-se representada por uma área geográfica delimitada, de soberania política. A dimensão cultura faz-se representada por uma área cultural, mais ou menos homogênea, não delimitada. Como sem a dimensão cultural não se estrutura um país, percebe-se a fundamental importância da cultura para a sua soberania e sobrevivência.

Isso também mostra porque a dimensão cultural é a mais importante das determinantes sociais a longo prazo, ainda que possam existir ou persistir uma indeterminação quanto ao exato momento em que a cultura é determinante para a evolução ou dissolução das nações.

Faz-se necessário analisar o sentido da insistente e generalizada afirmação de que a modernidade constituiria para nós, nações em desenvolvimento, periféricas, um paradigma, um novo e promissor paradigma. Na minha opinião, para se entender a problemática brasileira e mesmo a sul-americana, faz-se necessário entender a modernidade, não como nos é transmitida, como um novo promissor paradigma, mas como o velamento de um paradigma. É de fato algo que tem a ver com o paradigma, mas não com o paradigma propriamente dito, mas sim com a sua ocultação. Todos concordam

em caminhar em direção à modernidade no sentido da busca do domínio do universo científico-tecnológico. Todos concordam em que se não tivermos os meios proporcionados pela ciência e pela técnica, vamos acabar sendo absorvidos, ainda muito mais do que já somos, pelas culturas nodais e possuidoras de amplo domínio técnico e científico. Por isso, todos queremos nos modernizar. Não há quem não o queira.

Entretanto, isso nos leva à uma questão, que entendo essencial, e que se faz necessário esclarecer. É a dualidade identidade nacional ou identidade cultural versus modernidade.

Essa dualidade nos conduz, a todos, a um impasse: ou nos modernizamos e deixamos de ser o que somos ou nos mantemos como somos e não nos modernizamos, levantada em resenha que Fernando Novaes faz de Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda. Este é um impasse que trás profundas conseqüências.

Por isso dentre outras tantas razões, entendo que a modernidade, deve ser olhada por nós não como um paradigma, mas como a questão da ocultação ou dissimulação do verdadeiro paradigma.

Entretanto, cabe refletir sobre a modernidade como ideologia. De fato, neste início de século em que testemunhamos o declínio e morte das ideologias, também constatamos o surgimento da ideologia de todas as ideologias, a modernidade que retira de todos nós a tão necessária utopia.

AMÉRICA DO SUL

A ocupação da América do Sul, a divisão política colonial refletiram as contingências geo-históricas da península ibérica, projetaram a cultura lusa e a hispânica.

Na hispano-américa, a descentralização refletiu a Confederação de Reinos administrados por Castela, que terminara de expulsar os árabes de Granada em 1492. Por isso, foram constituídas as oito Audiências. Na América portuguesa, a centralização, herança portuguesa construída no século XII nas lutas para expulsão dos Árabes.

Para Therezinha de Castro, dois fenômenos foram impostos: a conjunção e a disjunção. Enquanto o Brasil se manteve unido a América hispânica foi fragmentada. As oito Audiências deram origem a oito Repúblicas de língua espanhola que anularam o conjunto geo-histórico, criando novas variantes culturais. Por tais razões verificamos o contraste de uma América hispânica dividida e um Brasil unitário que refletiram a cultura das metrópoles.

A América do Sul, espanhola, em diferentes graus, após a independência política, obedece a um mesmo padrão de estruturação cultural: na base, índios, negros, e/ou mestiços, em estado cultural primário; no topo, uma “elite” de modo geral de ascendência européia, em estado cultural qualificado como variante (degradada) da modernidade. Variante por função de sua vinculação com a estrutura cultural ocidental moderna ou cristã protestante.

Justamente por não possuir nenhuma componente sintética (lógica da identidade) é que esta cultura tem que sobre-viver em estado de dependência relativamente à uma cultura que a possua. Excluindo-se o período posterior ao Concílio Vaticano II, a Igreja aí aparece como uma instituição completamente comprometida com a “elite”, na medida em que, teologicamente, mantém-se num tomismo estreito, teologia do sistema, vale dizer, da hierarquia.

Qualquer reflexão sobre uma possível identidade sul-americana deve ter como pressuposto, a formação cultural, a formação das nacionalidades dos diversos países. A história da cultura da América do Sul possui aspectos centrais das duas metrópoles originárias e africana.

A construção de uma identidade sul-americana, seja por proposta política, por razões ideológicas ou por proposta de integração, colocam em cheque essa própria identidade.

Não há uma cultura hispano-americana. Entendo que exista uma variante da cultura hispânica na América do Sul e uma cultura brasileira, em fase de consolidação. Isso devido ao multiculturalismo que lhe dá origem e posterior formação. Vemos que a cultura brasileira está evoluindo, cheia de criatividade, vigor e com uma dinâmica sem igual. As influências recebidas, de modo geral, são tratadas, se assim posso dizer, antropofagicamente, como se referia Oswald de Andrade, uma característica brasileira que mostra a construção da cultura, de língua e sua caracterização como cultura e língua realmente brasileira.

O relativismo cultural (tese da equivalência lógica de todas as culturas) associado ao materialismo, não deixa perceber o que, a nosso juízo, é a raiz de todos os problemas da América do Sul, particularmente dos países de língua espanhola, aí incluída a dependência econômica: sua fragilidade cultural. Não importa a enorme diferença em termos de Produto Nacional Bruto – PNB -, nem mesmo a renda *per-capita*, pois, do ponto de vista qualitativo as nações da América do Sul, de língua espanhola, culturalmente se equivalem; as crises econômicas permanentes, a falta de horizonte a médio e longo prazo, a identidade nacional que não se acha, os enormes contingentes populacionais marginalizados, por toda parte, o mesmo quadro desolador.

Na maioria dos países, uma elite exerce o férreo poder de polícia do sistema. Nestas circunstâncias, não é de admirar que um punhado de elementos da pequena burguesia intelectualizada, identificando-se com a causa popular, venha se apoderar do governo. Em pouco tempo, a pressão política e econômica exercida pelos Estados Unidos, antes conjugada à acolhida dos países socialistas, está levando as populações a exercerem fortes pressões por regimes mais populares.

A situação cultural, entretanto, em quase nada é alterada; em conseqüência, permanece o primarismo político e a dependência econômica (baixo nível de desenvolvimento tecnológico, baixa produtividade). Isso conduz à duas possibilidades: a primeira, a formação de uma ideocracia ou teocracia relativamente independente, caso a componente marxista viesse se inclinar com a composição cristã católica; a segunda, uma possível formação de uma utopia solidarista, o que só deveria ocorrer na hipótese da institucionalização de um

profundo processo educacional/evangelizador capaz de tirar a maioria da população de seu estado cultural pré-lógico, o que não tem se realizado.

De modo geral, devido ao atual estado das culturas sul-americanas, de língua espanhola, a tendência é o encolhimento num processo de longo desaparecimento ou uma dependência dos Estados Unidos como forma de sobreviver. Surge a nova opção de compor a Área de Livre Comércio da América do Sul – ALCSA – e a necessária integração física do continente sul americano, com o que os Estados Unidos não tem nenhuma simpatia.

Não mencionamos outras hipóteses, pelo fato de que os povos não têm escala para um desenvolvimento tecnológico/econômico “semi-independente”, o que, pode ser uma hipótese alternativa para o caso brasileiro.

Com relação especificamente ao Brasil, os Estados Unidos são o principal cliente exportador e também o principal investidor. O relacionamento econômico foi em geral bem satisfatório e no momento tende a se tornar menos satisfatório em virtude de vários contenciosos comerciais.

Nos últimos 10 anos o relacionamento tem evoluído para uma agenda positiva. O foco das relações se concentra mais nos assuntos econômicos, comerciais e financeiros. Criou-se hoje um bom diálogo político e uma crescente cooperação em áreas de ciência e tecnologia e energia ultimamente. O Ministério das Minas e Energia e o Departamento de Energia dos Estados Unidos, tem conversado e há manifestações para que na próxima década o Brasil venha a se tornar um dos principais fornecedores de energia não fóssil.

Algo que transformou o encaminhamento clássico de nosso relacionamento com os Estados Unidos, foi o atentado de 11 de setembro. A partir desse evento o Governo dos Estados Unidos passou a se orientar sob novas prioridades, principalmente segurança, luta anti-terrorismo, fundamentalmente através de ações unilaterais. As conseqüências são evidentes para o relacionamento continental. As prioridades passaram da economia para a geopolítica. A importância da América do Sul tornou-se ainda menor porque nossa importância como área vulnerável e fonte de ameaças é nula para eles.

Apesar disso a posição do Brasil na América do Sul vem sendo gradualmente reconhecida e o país vem sendo ouvido de modo mais freqüente. O Governo Estadunidense tem procurado ver o Brasil como um fator gerador de equilíbrio na América do Sul pelo fato de nosso peso específico, por termos fronteiras em regiões sensíveis, por sermos capazes de conversar com os vizinhos e termos, como eles, interesse na estabilidade na região.

O Brasil se tem feito presente por sua cooperação em dirimir as questões críticas na América do Sul, tais como: a instabilidade mais ou menos permanente no Paraguai e na Argentina, a tensão na Venezuela, na Bolívia, no Equador e Peru, a guerrilha e narcotráfico na Colômbia. O Brasil tem como contribuir para a manutenção da estabilidade, da ordem e coopera para que forças internas mantenham a ordem. Nisso os Estados Unidos nos vêem como fator essencial. Não temos interesse protagônico ou de poder, mas temos interesse que os países não se desestabilizem ao menos completamente.

Um dos grandes desafios do Brasil é o de ajustar as linhas de sua política às realidades do cenário pós 11 de setembro. Depois de passada a perplexidade causada pelos atentados teve início um processo universal de sintonia das políticas externas dos países de todo o mundo em função da relevância que

significam as prioridades estadunidenses e a acertividade que os Estados Unidos assumiram.

A guerra do Iraque foi um primeiro teste de peso nesse sentido e que causou um prejuízo muito sensível para as relações transatlânticas. França e Alemanha tiveram grande choque com os Estados Unidos e em grau menor México e Chile, que estavam no Conselho de Segurança, e não cederam totalmente aos interesses estadunidenses, tiveram também seu relacionamento com os Estados Unidos prejudicado. Entretanto, algumas nações tiveram proveito por terem se alinhado total ou parcialmente com os Estados Unidos, tal como a Espanha, a Itália e a Polônia. A Inglaterra é caso a parte pois sendo a mesma cultura, são como se fossem o mesmo.

O Brasil, no exercício de seu posicionamento, de buscar certa acertividade, entende que ao se postular como candidato à membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, não tem a pretensão de que isso venha a ocorrer a curto prazo. A própria luta, o fortalecimento da idéia já representa o fortalecimento do país, pois evidencia que é candidato natural. Procura também, mostrar aos Estados Unidos que o desenvolvimento econômico com justiça social é uma meta fundamental para o Brasil.

Em médio prazo, não surgindo qualquer fato novo relevante, as relações de todos os países da América do Sul com os Estados Unidos, não deverão sofrer profundas alterações. Enquanto a cultura anglo-saxônica continuar pujante as relações deverão ser mantidas da mesma forma como ocorre atualmente.

LÓGICA E MODERNIDADE EM MORSE

Quanto a importância, Hegel, um dos mais ilustres representantes do pensamento, assim se manifestou com relação a América do Sul:

A América é o país do porvir. Em tempos futuros revelará sua importância histórica, talvez numa guerra entre a América do Norte e a América do Sul (Ribeiro, 1983).

Com relação a liderança, Richard Morse considera a existência de dois momentos fundamentais para a atual etapa do processo histórico: o momento anglo-saxão e o momento hispânico.

A cultura anglo-saxônica que se caracteriza por ter em sua essência, a valorização da ciência e do sujeito liberal, que foi originário da religião predominante, o protestantismo, termina por se constituir no centro ou o núcleo da modernidade.

A cultura ibérica que é caracteriza por ter em sua essência a valorização da ciência e do sujeito coletivo, forte contribuição dos jesuítas, torna-se por isso, uma forma degenerada, instável da modernidade.

A significação da cultura ibérica se faz evidente quando consideramos que as revoluções religiosa e científica, em suas trajetórias de incidência, não dividiram a Europa em duas. O protestantismo prosperou ao longo de um eixo setentrional leste-oeste, enquanto a ciência desenvolveu-se num eixo norte-sul inclinado para a península

italiana. Contra esse pano de fundo, fica evidente que as tradições européias que deram forma à América-hispânica foram especificamente ibéricas e não, vagamente, católicas ou mediterrâneas.

A Espanha quase não foi afetada pela Reforma protestante ou pelo Renascimento em sua forma italiana. A Reforma católica na Espanha antecedeu a revolta luterana e teve o mesmo caráter da subsequente Contra-reforma, que culminou num movimento autóctone e não simplesmente numa reação defensiva contra heresias estrangeiras.

Para Morse, a posição relativa entre essas duas culturas não está estabilizada. A cultura anglo-saxônica, predominante e hegemônica, vai perder sua posição privilegiada. Haverá no futuro, uma inversão, uma troca de posições entre as duas culturas: a cultura anglo-saxônica cederá seu lugar privilegiado à cultura ibérica, que significa liderar a América do Sul.

Morse ainda afirma que os ibero-americanos são partidários da doutrina e da ordem social, enquanto os anglo-saxões são partidários do pragmatismo.

CRÍTICA À CONCEPÇÃO DE MORSE

A concepção de Morse nos conduz à reflexão sobre o ponto de inflexão, o momento de superação da cultura anglo-saxônica pela cultura ibérica. No caso, considerando que o fato vir a ocorrer num futuro próximo, estaremos tratando, não mais com a cultura ibérica mas com a cultura hispano-americana.

Se Morse tem razão, haverá uma troca de prevalência entre as culturas, e portanto nada há o que fazer, basta dar tempo ao tempo e aguardar as mudanças que serão favoráveis. Mas estará correta a concepção de Morse? Entendo que não por duas razões. O que fará com que a cultura anglo-saxônica entre em decadência se tem vitalidade, está dando certo, é hegemônica e é preservada? O que fará com que a cultura ibero-americana tenha uma vitalidade necessária para superar a cultura anglo-saxônica?

Com relação a primeira questão, entendo que, a queda da cultura anglo-saxônica não se dará tão cedo, ainda que venha a ocorrer. É uma cultura que conseguiu integrar todos os indivíduos e fazer com que a preservem. Conseguiu manter-se original, sem significativa interferência por parte de outras culturas. A definição do indivíduo como uma de suas características fundamentais tem função importante pois, constituinte da religião protestante que é sua religião predominante, é fator de vitalidade cultural. Acrescenta-se a isso, o sujeito liberal que demorou cerca de 600 anos para se constituir e lá, produzir a modernidade.

Com relação a segunda questão, entendo haver uma degenerescência na própria degenerescência da cultura ibérica, uma variante. Há algo que está na cultura hispano-americana mas que é mais complexa do que ela. Não é a forma degenerada porque foi compensada por outra coisa. Ela está em processo. Saiu desse esquema. O Brasil não está nesse esquema, está num esquema mais dramático, ou acaba ou vai para cima. E por isso pode vir a conduzir a cultura hispano-americana.

Sendo a modernidade caracterizada pela ciência, possibilita o exercício das opções críticas ideológicas. Cabe ressaltar o aspecto dissimulado das ideologias porque elas deixam sempre a salvo, ao abrigo de qualquer suspeita, a ciência e a técnica. As ideologias contestam o poder porque o querem mais perfeito, não no que se refere às suas virtudes, mas na dissimulação de sua fragilidade. Falamos das ideologias à direita e à esquerda do paradigma anglo-saxão, que impõe sua hegemonia. O fato de a ideologia afastar-se daquilo que constitui a essência do dinamismo da modernidade, a ciência, só pode ter como razão o afastamento dos caminhos que podem levar, de fato, à superação da modernidade. Assim podemos afirmar que a ideologia é uma forma dissimulada de fazer ou manter a modernidade. Freyer parece confirmar quando afirma que todas as ideologias modernas se reportam à ciência. Isso parece ser o caminho natural pois, no mundo de hoje, neste início de século XXI, a ciência e principalmente a técnica, estão presentes em todos os quadrantes da vida, sendo o mais significativo instrumento de poder.

O aspecto dissimulado das ideologias é importante, porque ela deixa a ciência, intocada e acima de qualquer suspeita. Afastando a ciência de qualquer questionamento, que é a essência da modernidade e responsável pelo seu dinamismo, as ideologias expõem sua principal função como sendo a de bloquear os caminhos que podem levar à superação da modernidade. Assim, contribuem de fato para a perpetuação da cultura que para se manter hegemônica necessita explicitar sua característica etnocida.

E a ciência? O que dela esperar? Nunca houve uma crítica científica da modernidade. Talvez jamais isso venha a ocorrer. Como pode ser possível a ciência se dispor a criticar a modernidade se é ela própria seu fundamento? Uma autocrítica da modernidade se constituiria a auto-crítica da ciência pela ciência, o que é incompatível com a lógica que a governa.

Por tais razões, entendo que não haverá, com facilidade, a inversão tal como sugere Morse.

TENDÊNCIAS POSSÍVEIS

Como sabemos, a concepção da história da cultura como auto-desvelamento do homem, é o bastante para re-historicizar a modernidade e mostrar o horizonte de sua possível superação.

Os países Sul Americanos, de variante cultural hispânica, mostram-se esgotados; são cultura sem criatividade. Por isso, entendo que a evolução prevista por Richard Morse⁷¹ não deverá ocorrer. A América hispânica não deverá oferecer nenhum país para a liderança da América do Sul. O Brasil de cultura já genuinamente brasileira, em fase final de construção, em processo de plena criatividade e em consolidação, se devidamente tratada, pode ter a condição de liderar. Pode portanto construir as condições básicas para a superação das gigantescas dificuldades que vive o mundo na atualidade.

Ela está em processo de evolução. A cultura brasileira, faz-se síntese do jesuitismo, da cultura árabe (por consequência da ocupação de Portugal pelos árabes), da cultura lusa, do índio, de variantes da cultura negra, de segmento da cultura nipônica, de segmento da cultura italiana e de outros que vagarosamente

⁷¹ Richard M. Morse. O Espelho de Próspero.

vai se construindo através de um processo de profunda miscigenação cultural. Assim vai sendo consolidada a cultura brasileira ou a *cultura nova*.

Essa cultura nova, brasileira, portanto o Brasil, acena com possibilidades que se devidamente conduzidas podem permitir superar as atuais dificuldades mundiais. Entretanto ela pode ter dois destinos: conduzir-se à modernidade ou a originalidade. A nós todos, interessa o caminho da originalidade pois é aquele que conduz, não à submissão mas superação porque é, ao mesmo tempo um passo a frente no processo de desvelamento do ser lógico do homem.

A cultura anglo-saxônica, de ser e pensar regido pela ciência, sabe que toma o caminho do descaminho, porque sabe que se auto-restringe, pois cada vez mais limita seu próprio ser, descarta o ser subjetivo. Encontram-se portanto em difícil situação. Acredita que pode superar as dificuldades pelo uso da força que os acaba aprisionando cada vez mais.

Nos povos das nações periféricas, a identidade cultural se estabelece como a questão central de sua existência. No início da filosofia européia-ocidental, na remota Grécia, se definiu o problema do ser como garantia da existência do homem, da mesma forma que, na América do Sul do século XIX e na Ásia e África no século XX, se estabeleceram problemas de identidade, interrogantes sobre a existência ou não de uma filosofia, uma ciência, uma literatura e uma cultura entre esses povos. São problemas semelhantes aos que os gregos estabeleceram sobre a existência do ser. Uma mesma definição para salvar homens e povos da nulidade do ser e do existir, problema de identidade, que se estabelece e é traçado a homens e povos conscientes de sua marginalização mas que querem crescer e mesmo liderar.

É necessário conciliar a rica herança cultural com valores da sociedade contemporânea, para evitar uma crise de identidade nacional. É fundamental ter consciência de que as tradições devem encarnar-se nas novas criações firmemente dirigidas ao futuro. Por isso, também, é necessário preservar e exercer a afirmação da identidade nacional, como ponto de partida da necessária assimilação da civilização imposta, para não ser um puro instrumento da mesma.

Não se trata de escolher entre cultura e progresso científico-tecnológico, já que são necessários tanto a integridade cultural, para ser uma, como o poder científico-tecnológico para viver com o resto do mundo e deixar marcas próprias na história.

Entretanto, não podemos esquecer que as nações têm um papel a exercer na história, e mesmo a fazer a história. Isso só é possível porque possui cada uma, tem uma cultura que lhes caracteriza e lhes dá unidade e identidade. Para a história, o Brasil tem papel central nesse processo por sua cultura, ímpar e a única pelas características conhecidas.

É fundamental preservar a cultura nacional de sua instrumentalização por outros homens e povos, a que está submetido o jugo político e econômico da

hegemonia, juntamente com sua dominação ideológica, que era estranha aos povos das nações periféricas.

O colonialismo, o imperialismo, o neo-colonialismo e o racismo constituem uma ameaça constante às culturas nacionais que tencionam esvaziá-las de sua profunda significação humanística e democrática e a substituí-la por um pragmatismo descompromissado e pelo empobrecimento espiritual da cultura de massa, conducente à desvalorização do ser humano como tal.

Naquilo que diz respeito ao pragmatismo, faz-se necessário ressaltar que o pragmatismo conduz e reduz todo conhecimento à simples expressão de projetos de ordem prática. Todos os projetos coletivos predominam sobre os individuais, reduzindo a atividade cognitiva do indivíduo a uma cooperação/subordinação rígida pela obediente construção social de conhecimentos ditos úteis.

A afirmação da identidade nacional ou cultural, que é a base da independência e da soberania das nações, também é instrumento de unidade nacional e garantia de segurança e respeito nas relações com outras nações.

Faz-se necessário, mesmo imprescindível reconhecer e valorizar o ser subjetivo e assim buscar o adequado e verdadeiro equilíbrio com o ser objetivo, ambos constituintes do ser humano.

O grande perigo é que o intelecto humano tem a liberdade de destruir a si mesmo. Eis uma forte e lógica razão para que se aceite haver um forte vínculo entre ser e o pensar. Pois se ou quando isso não ocorre o ser pode se auto-destruir, pode se afastar da realidade das coisas e da própria realidade, pode por fim perder a razão. Daí o florescimento e o prestígio da psicanálise, pois o deslocamento ou alheamento da razão é fruto da modernidade e de seu modo de ser castrador e deformador.

O que produz a loucura é a razão e não a imaginação ainda que a perda da razão possa levar a outra imaginação. Observando a história do Brasil, podemos perceber o que o faz marginal é também o que o faz resistir à hegemonia. O Brasil se caracteriza pela confluência de inúmeras e bem diferentes culturas formadoras, que se por um lado, dificulta sua modernização, por outro lado, vem se constituindo na base necessária à estruturação de uma cultura realmente nova e única, a mais nova e última cultura no mundo. Por isso o Brasil possui duas destinações possíveis: a modernidade⁷² ou a originalidade, como nos lembra Coelho de Sampaio.

A cultura nova, brasileira, se devidamente tratada pode trazer grandes possibilidades. Pode portanto construir as condições básicas necessárias para a liderança da América do Sul bem como, a longo prazo, superar a modernidade.

Entendo que o Brasil tem se constituído num perigo real para a cultura dominante. Por isso, é fundamental que seja desenvolvido no Brasil e para o Brasil uma estratégia cultural para sobreviver, sem se descaracterizar culturalmente, até a chegada do momento adequado à superação da modernidade. Se houver uma apurada visão estratégica dos dirigentes, com o devido entendimento do que significa e porque assim se faz o atual momento histórico, o Brasil terá condições de sobreviver e consolidar sua cultura nova, manter sua identidade e cultura. Assim poderá optar pela originalidade, e superar

⁷² Luxo deve ser entendido como tudo aquilo que representa a modernidade. Modernidade entendida como a hegemonia da cultura anglo-saxônica com a ciência e seu sujeito liberal assujeitado.

a modernidade, para posicionar-se como aspirante a futura e nova cultura de referência. Isso significa liderança mas também compromisso.

Entendo que vivemos todos a grande crise da cultura. Vivemos sob o domínio de uma cultura etnocida que sabe seu poder e o exerce implacavelmente. Por isso a necessidade imperativa da sobrevivência, da preservação da cultura, da identidade cultural nacional.

O que nos faz sofrer é o que está guardado nas fundações, no lado não visível da estrutura que mantém o contexto em que todas as nações estão envolvidas, absorvidas. Todas sofrem, umas crescendo, outras fenecendo, mas todas querendo sobreviver ao atual momento histórico com suas vicissitudes.

Nesse quadro, surge o Brasil, com suas idiossincrasias, como aquele que pode vir a liderar, e já o faz por reconhecimento em função de características de uma cultura do tempo que permite o pleno desenvolvimento e integração dos homens e das nações.

Bibliografia

Alves, Júlia Falivene. 1988. *A invasão cultural norte-americana*. Editora Moderna. São Paulo.

Andrada e Silva, José Bonifácio. 1998. *Projetos para o Brasil*. Editora Companhia das Letras. São Paulo.

Azevedo, Fernando de. 1996. *A cultura brasileira*. Editora Universidade de Brasília. Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Brasília.

Cassirer, Ernst. 1994. *Ensaio sobre o homem – Introdução a uma filosofia da cultura humana*. Editora Martins Fontes. São Paulo.

Castro, Therezinha. 1998. *América do Sul: vocação geopolítica*. Leitura Seleccionada. Escola Superior de Guerra Rio de Janeiro

Chesneaux, Jean. 1995. *Modernidade: mundo*. Editora Vozes. Petrópolis.

Chesterton, Gilbert Keith. 1958. *Ortodoxia*. Livraria Tavares Martins. Porto.

Coelho de Sampaio, Luis Sérgio. 2001. *Aventuras e desventuras da dialética até chegada a hora de sua necessária remissão pela hiperdialética quinqüitária*. Rio de Janeiro.

_____. 1997. *Multiculturalismo: a insidiosa verdade do inimigo*. Rio de Janeiro.

_____. 1997. *Noções de antropo-logia*. Rio de Janeiro, UAB.

_____. 1998. *Reflexões, moderadamente otimistas, acerca do advento da cultura nova lógico-quinqüitária* in *Pensamento Original Made in Brazil*. Oficina do Autor/etc/FINEP. Rio de Janeiro.

_____. 1999/A. *Acerca da lógica e da cultura*. Rio de Janeiro.

_____. 1999/E. *A história da cultura segundo Toynbee, Tillich, Hegel e Marx*. Rio de Janeiro.

_____. 1999/F. *Bases para a urgente formulação de uma estratégia (cultural) brasileira*. Rio de Janeiro.

_____. 1999/G. *Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro.

_____. 1999/H. *Reflexões, moderadamente otimistas, acerca do advento de uma cultura nova lógico-quinqüitária* in *Pensamento Original*. Organizadores: Rosane Araujo Dantas e Aristides Alonso. Oficina do Autor. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

_____. 1999/L. *Considerações Gerais sobre a História da Cultura* in *Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro.

_____. 2001/1998. *Desejo, fingimento e subversão na história da cultura*. In *Filosofia da Cultura – Brasil, luxo ou originalidade*. Editora 34. (No prelo). Rio de Janeiro.

_____. 2001. *Filosofia da Cultura – Brasil, luxo ou originalidade*. Editora 34. São Paulo.

Cuche, Denys. 1999. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Editora Universidade do Sagrado Coração. Bauru.

Earle, Edward Mead. 1973. *Adam Smith, Alexander Hamilton, Friederich List: The Economic Foundations of Military Power in Makers of Modern Strategy*. Princenton Press.

Featherstone, Mike. 1994. *Cultura Global*. Editora Companhia das Letras. São Paulo.

Fernandes, António Horta. 1997. *A Estratégia: Arte e/ou Ciência in Nação e Defesa*. Portugal.

Fiche, J. G. 1973. *Sobre o conceito da Doutrina da Ciência ou da assim chamada Filosofia*. Coleção Os Pensadores. Vol. XXVI. Editora Abril. São Paulo.

Fink, Eugen. 1966. *Le jeu comme symbole du monde*. Les éditions de minuit. Paris.

Freyer, Hans. 1965. *Teoria da Época Atual*. Zahar Editores. Rio de Janeiro.

Guibernau, Monserrat. 1997. *Nacionalismos. O Estado Nacional e o Nacionalismo no Século XX*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

Habermas, Jurgen. 1992. *Ciência y Técnica como "Ideologia"*. Editorial Tecnos S.A. Madri. Espanha.

Henry, Paul. 1937. *Le Problème des nationalités*. Librairie Armand Colin. Paris.

Huntington, Samuel P. 1997. *O choque de civilizações*. Ed. Objetivo. Rio de Janeiro

Husserl, Edmund. 1965. *Logique Formelle et Logique Transcendentale*. Press Universitaires. France.

Ianni, Otávio. 1995. *Teorias da Globalização*. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

Kissinger, Henry. 1984. *Diplomacy*. Ed. Simon & Chuster. New York.

Kramer, Heinrich & James, Sprenger. 2000. *O martelo das feiticeiras*. Editora Rosa dos Ventos. 14ª edição. Rio de Janeiro.

Laloup, J. et Nélis J. 1955. *Culture et Civilization*. Ed. Casterman. Paris.

Latouche, Serge. 1994. *A ocidentalização do mundo*. Editora Vozes. Petrópolis.

Martins, Estevão Chaves de Resende. 2002. *Relações Internacionais. Cultura e Poder*. Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto de Relações Internacionais. Brasília.

Morin, Edgar & Kern, Anne Brigitte. 1995. *Terra-Pátria*. Editora Sulina. Porto Alegre.

Morin, Edgar. 1996. *Ciência com Consciência*. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.

Morse, Richard M. 1995. *O Espelho de Próspero. Cultura e Idéias nas Américas*. Editora companhia das Letras. São Paulo.

North-South. 1980. *A Program for Survival*. 1980. The MIT Press. Cambridge. Massachusetts.

Nye, Joseph S. 1990. *The Changing Nature of World Power*. Political Science Quartely. Summer. USA.

Ortega y Gasset, José. 1987. *A Rebelião das Massas*. Ed. Martins Fontes. São Paulo.

Petras, James. 1995. *Ensaio Contra a Ordem*. Ed. Scritta. São Paulo.

Ribeiro, Darcy & Moreira Neto, Araújo. 1992. *A fundação do Brasil*. Editora Vozes. Petrópolis.

Rosa, João Guimarães. 1969. *Meu tio Iauaretê* in *Estas estórias*. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro.

- Santos, Jorge Calvário dos. 2000. *Dimensões da Globalização*. Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos Editora. Rio de Janeiro.
- Tillich, Paul. 1964. *Theology of culture*. Oxford University Press. USA.
- Toynbee, Arnold J. 1953. *Um estudo da história*. Editora W. M Jackson Inc. São Paulo.
- _____. 1953. *A civilização posta a prova*. Companhia Editora Nacional. São Paulo.
- Zea, Leopoldo. 1990. *Discurso desde la marginación y la barbárie*. Fondo de Cultura Económica . México.